

Aula 4

PAÍSES PERIFÉRICOS: DESIGUALDADES SOCIAIS E DEPENDÊNCIA ECONÔMICA

META

Ranalisar a origem do subdesenvolvimento;
identificar os problemas sócios espaciais provocados pelo crescimento desordenado do capital;
caracterizar os problemas e dilemas presentes no cotidiano das nações periféricas.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
Aperceber o subdesenvolvimento dos países periféricos como consequência do desenvolvimento das nações centrais;
identificar os principais motivos/países responsáveis pela consolidação das desigualdades econômicas e sociais entre as regiões do mundo;
compreender as causas e consequências político-econômicas geradas pelo subdesenvolvimento.

PRÉ-REQUISITO:

Compreender alguns conceitos relacionados à Geografia Econômica, tais como: desenvolvimento e subdesenvolvimento; países centrais e periféricos; multinacionais e transnacionais; conglomerados. De preferência utilize um dicionário para facilitar a compreensão de alguns conceitos.

Marcelo Alves Mendes

INTRODUÇÃO

Nesta aula será discutida, brevemente, a origem e os impasses gerados pela condição de “país subdesenvolvido”, de forma que teremos a oportunidade de colocar em prática o senso crítico e reflexivo na análise e interpretação do espaço de maneira coerente com o campo de ação da ciência geográfica contemporânea. Como a Geografia não é uma ciência estática (Wettstein, 1992, p.7), cabe ao geógrafo interpretar as mudanças que ocorrem no espaço a partir de suas dimensões, especialmente, as ações daqueles que exercem poder sobre o mesmo, impondo normas e procedimentos de ocupação/ordenamento e a territorialização de ações que atendem a interesses de grupos ou parcelas minoritárias da sociedade. Vale ressaltar que esta dimensão política do espaço adquire importância para interpretar a origem e o significado do subdesenvolvimento entre as nações e povos dos diversos continentes do planeta. É possível que a “chave” para compreender o nível de dependência das nações subdesenvolvidas esteja relacionada à falta de interesse dos intelectuais colonialistas. “Apesar do seu interesse pelo desenvolvimento econômico, nenhum economista clássico se preocupou com as colônias” (FORBES, 1989, p.62). Portanto, o isolamento espacial das colônias, associado ao baixo nível tecnológico e aos obstáculos decorrentes dos meios de transportes também contribuíram para fortalecer as diferenças econômicas entre colonizadores e colonizados. Um dos motivos está relacionado, em parte, à criação das Sociedades de Geografia, na década de 1820, em função da falta de confiabilidade das informações traçadas pelos viajantes e missionários durante o processo de expansão das metrópoles europeias na América, África e Ásia. Não é por acaso que as Sociedades Geográficas expandiram-se no momento áureo da comercialização capitalista mundial “e a sistemática promoção e o exame geográfico dos resultados da exploração desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento” (Idem, 1989, p. 64).

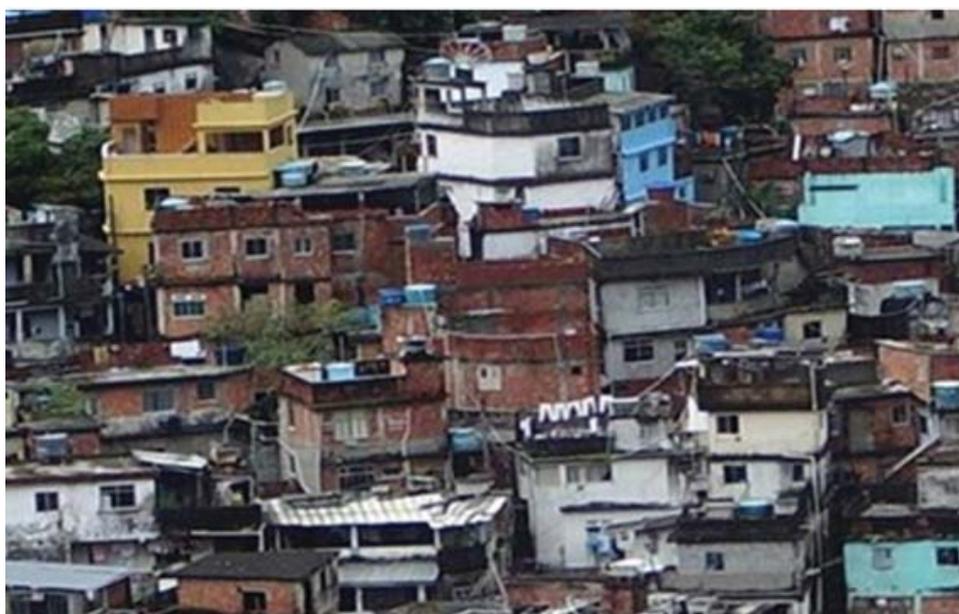
ORIGEM DO SUBDESENVOLVIMENTO

De alguma maneira, é importante retomar os questionamentos da aula anterior sobre a Divisão Internacional do Trabalho, haja vista que a DIT é resultado do processo de exploração desigual e da combinação do espaço (trabalho-homem) nas várias escalas espaço-temporais. Nestes termos, pode-se questionar: porque existem países exageradamente ricos economicamente e detentores do poder? Porque alguns países se especializaram em produzir matéria-prima e explorar seus recursos naturais? Porque será que os países da Europa ocidental (maioria) têm “primo-irmão” em outros continentes que também fala o mesmo idioma, apresenta traços culturais, mas econômica e socialmente é pobre e marginalizado.

A partir da Segunda Guerra Mundial (1939-45), as relações econômicas e políticas mundiais tornaram-se mais complexas devido ao quadro de incerteza e insegurança provocado pela consolidação dos Estados Unidos da América (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) enquanto potências hegemônicas mundiais, particularmente em função do poderio econômico e bélico que legitimavam o domínio no cenário mundial. Nesta fase, o espaço geopolítico mundial fica fragmentado de acordo com a área de influência das potências do pós-guerra. Neste contexto, foram criadas diversas instituições e organizações a fim de (des)ordenar o regime político bipolar nos diferentes continentes, destacando-se a Organização das Nações Unidas (ONU), o Fundo Monetário Mundial (FMI), o Banco Mundial, Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), o Pacto de Varsóvia, entre outras instituições e acordos que caracterizavam o momento de crise política e econômica da Guerra Fria (1945-1989).

Diante da crise estrutural e da bipolaridade mundial, a ONU elaborou o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), com a finalidade de diagnosticar as áreas e os níveis de desenvolvimento entre países ricos e pobres, evidenciando a existência da dualidade entre os dois mundos, países desenvolvidos e subdesenvolvidos.

Somente após esta constatação, o debate a respeito das desigualdades sociais e regionais fez parte do debate acadêmico e político no mundo, somando-se o processo de descolonização, sobretudo do continente africano, e a formação de Estado-Nação. Os principais temas presentes na agenda do pós-guerra estão relacionados aos baixos indicadores sociais, como: alfabetização, saúde, emprego, habitação, saneamento e segurança alimentar.



(Fonte: fusiongames.gaminblog.com.br).

Portanto, com a constatação empírica de que os países industrializados desenvolvidos desfrutavam de melhores condições de vida proporcionadas pela lógica contraditória do sistema capitalista em que o mundo subdesenvolvido é condição fundamental para existência e reprodução das nações ricas, o debate faz parte da investigação de várias ciências, principalmente da Economia, Geografia e Sociologia nas décadas de 1960/70 do século passado, conforme observou Lacoste (1990), ao analisar as consequências geradas pelo crescimento acelerado e desordenado do número de famílias pobres nos países periféricos, destacando a importância do olhar a respeito desta realidade. “Você sabe que há um enorme número de pessoas pobres, doentes, esfomeadas, despojadas, sem instrução e sem trabalho? Elas vivem na África, Ásia e América Latina, nos países subdesenvolvidos. Elas vão se tornar mais e mais numerosas” (p.31). Vale ressaltar a importância do referido autor para a ciência geográfica, pois foi um dos fundadores do pensamento crítico na geografia denunciando o caráter estrategista da Geografia, do saber enciclopédico e estimulou a pesquisa sobre a finalidade do conhecimento armazenado pela Geografia tradicional e quantitativa.

CARACTERÍSTICA DO SUBDESENVOLVIMENTO

O início do pós-guerra apresentava um panorama sombrio sobre o rumo da geoeconomia e da geopolítica no cenário internacional, ampliando o debate sobre as questões econômicas e políticas implementadas nos países periféricos como estratégia de expansão dos sistemas divergentes da Guerra Fria – 1945-1989. Nestes termos, esta fase corresponde ao período de descolonização e da formação de Estados, demandando vários conflitos nacionalistas em prol da implantação de regimes democráticos com apoio das potências hegemônicas através de financiamento da guerra civil por meio de remédios, cesta básica e capital para aquisição de requisitos necessários para consolidação do “regime democrático” aos “olhos” dos interesses neocolonialistas.

Apesar do termo “subdesenvolvimento” surgir após a Segunda Guerra Mundial, as desigualdades econômicas e sociais tornam-se evidentes no mundo pós-revolução industrial, caracterizado pela existência de dois setores, inicialmente, considerados opostos: campo e cidade, considerados pela geografia tradicional como antagônicos. O primeiro marcado pela pobreza absoluta decorrente de atividades econômicas primitivas, enquanto o segundo representado pela tecnologia, modernização do setor urbano-industrial e pela concepção de civilização moderna, reflexo da influência e supremacia das nações exploradoras.

A América Latina, África e Ásia são continentes ou parte de continentes em que a maioria dos países são subdesenvolvidos. O quadro econômico e social que caracteriza o subdesenvolvimento inclui, principalmente, con-

centração de riqueza e da propriedade rural, baixa renda per capita, altas taxas de desemprego e subemprego, baixo nível de consumo e altas taxas de mortalidade e natalidade, assim como elevada taxa de analfabetismo, desnutrição, desequilíbrios demográficos, industrialização dependente, urbanização irregular e dependência às nações ricas.



Trabalho e condições de vida
(Fonte: fusiongames.gaminblog.com.br).

O sistema capitalista, contraditoriamente, reproduz as diferenças entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Os países de passado colonial recente e os que iniciaram com atraso o processo de industrialização acabaram relegados à periferia do capitalismo, conformando o que se convencionou chamar Terceiro Mundo. Estabeleceu-se assim entre ricos e pobres uma nova relação de dependência, derivada diretamente do vínculo entre metrópole e colônia existente na fase mercantilista.

Os países subdesenvolvidos obtêm desvantagem na balança comercial devido ao predomínio na exportação de produtos primários com baixo valor agregado e à importação de produtos industrializados, gerando desigualdades em relação às vantagens comerciais entre os países com singularidades divergentes economicamente. Aliado a todos estes elementos, pode-se mencionar que a relação econômica entre países ricos e pobres fortalece a dependência na medida em que os países subdesenvolvidos buscam crédito e tecnologia nas nações desenvolvidas.

Para além da análise determinista, a lógica colonial exploradora objetivou a aquisição de área e produtos em que a produção era incipiente ou insuficiente para atender à necessidade do país colonizador. Assim, as áreas localizadas na zona intertropical do globo terrestre tornaram-se alvo de

conflitos e exploração, o que implicava controle e expansão do poder dos Estados e ampliação da riqueza por meio do comércio marítimo seguido da modernização dos transportes, inovação das fontes energéticas, ampliação da infraestrutura para operacionalizar a exploração dos recursos naturais, produtos agrícolas e mercado consumidor dos países em desenvolvimento.

Posteriormente, quando o capitalismo torna-se industrial, altera-se a estratégia de exploração das colônias, através do comércio de matéria-prima industrial de baixo custo.

SUBDESENVOLVIMENTO E INDUSTRIALIZAÇÃO

O subdesenvolvimento ou desenvolvimento do Estado-Nação está relacionado ao processo histórico de inserção da economia agroexportadora e/ou industrial no cenário mundial, aliado à ação do Estado através de acordos econômicos entre nações e por meio da política de planejamento territorial, incrementando técnicas e recursos humanos a fim de gerar avanços na qualidade de vida da população. Esta cooperação nem sempre ocorre de maneira a beneficiar as potencialidades e os interesses equitativos das partes, pois os acordos e negociações buscavam fortalecer as economias modernas e competitivas na escala global e regional. Com isto, o Estado que buscava fortalecer suas economias com base nos modelos externos, acabava fortalecendo os países desenvolvidos, ao tempo em que ampliava o nível de dependência política, econômica e tecnológica dos países subdesenvolvidos. O Estado “apresenta-se como um aliado do circuito moderno da economia nos países subdesenvolvidos” (SANTOS, 2008, p.161) por meio do apoio “disfarçado” às multinacionais, da abertura das fronteiras para produtos estrangeiros, do financiamento direto e indireto das empresas através da construção de infraestrutura, mão-de-obra, subsídios para implantação e mercado consumidor.

O processo de industrialização dos países periféricos iniciou-se a partir das grandes crises mundiais, com a deflagração da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Grande Depressão de 1929 entre as principais potências, produzindo em cascata declínio nas exportações das economias agroexportadoras e mudanças no rumo dos investimentos dos países centrais. Este período demonstrou a fragilidade e vulnerabilidade dos países subdesenvolvidos, entre eles dos latino-americanos, por dependerem exclusivamente do setor primário-exportador e dos mercados externos. Com isto, os países periféricos em que o Estado privilegiou o processo de industrialização com base no modelo externo de produção e de investimentos de capitais estrangeiros obtiveram como consequência a concentração industrial e da renda assim como a desnacionalização da economia. Para Santos (2008), a população das áreas periféricas paga o preço em virtude do modelo de inserção da economia periférica no circuito moderno em função da redução da capacidade de investimentos dos Estados nacionais nos setores que

afetam diretamente a sociedade, sobretudo da classe sociais de baixo poder econômico e político.

Mas o preço que o Estado paga protegendo o setor moderno da economia não é somente financeiro, é também político. O Estado vê assim seu poder de decisão reduzir-se e, por isso mesmo, seu próprio papel de Estado, porque tem que conceder cada vez mais recursos para responder a uma modernização cumulativa. Por esse motivo tornam-se cada vez menos independentes. (SANTOS, 2008, p. 162)

Analisando o contexto de abertura do Estado aos investimentos industriais dos países desenvolvidos, particularmente na América Latina, Gomes (2010) diz que a década de 1930 foi marcada pelas manifestações dos interesses dos centros urbanos dos países latino-americanos, coincidindo com a decadência do modelo político sustentado pelo capital agro comercial. Movimentos sociais, étnicos, culturais e até mesmo artísticos estavam acontecendo neste período e que tinha como pano de fundo a valorização da identidade nacional, ou seja, fortalecimento do nacionalismo.

O conceito de nação evoluía durante o processo de um novo ordenamento de alianças de poder, que se consolidavam em torno da burguesia nacional que surgia, além da formação da classe média, como integrante de uma nova base social do poder político. No intuito de se fortalecer, o Estado se estrutura com a criação de órgãos de planejamento e fomento, bancos centrais e ministérios responsáveis pelos setores produtivos.

Especialmente no Brasil, durante o governo de Getúlio Vargas (1930-45), houve processo de conscientização da necessidade da industrialização como forma de superação do subdesenvolvimento, quando as novas elites técnicas, civis e militares, passaram a ocupar funções de comando nas instituições do governo.

CONCLUSÃO

A partir da análise a respeito da origem do subdesenvolvimento e suas consequências, principalmente para os países da América Latina, África e a maioria dos países asiáticos, torna-se evidente que o subdesenvolvimento é produto da evolução capitalista e da geopolítica internacional que não possibilitou aos países pobres desenvolver uma estrutura econômica e política capaz de garantir sua autonomia e independência em relação aos líderes hegemônico do capitalismo central.

Portanto, ao estudar o processo de subdesenvolvimento das nações periféricas é preciso fazer uma análise da perspectiva contraditório do sistema capitalista e suas consequências para os povos e civilizações da periferia do sistema.



RESUMO

A Geografia é uma das ciências que busca entender a dinâmica social dentro do contexto espacial, assim como a Economia e a Sociologia objetivam estudar as relações humanas, sendo a primeira responsável pelas atividades econômicas e a segunda por entender o comportamento dos homens dentro da sociedade. Portanto, nem a Geografia nem as demais ciências humanas evoluem nas suas análises de forma linear, pois as relações espaço-tempo são dinâmicas e complexas, cabendo aos estudiosos interpretar a relação econômica mundial dentro do contexto histórico-geográfico a fim de chegar à síntese da relação simbiótica entre as nações desenvolvidas e subdesenvolvidas. No entanto, é consenso que a Geografia do Desenvolvimento surgiu após a Segunda Guerra Mundial em função das crises econômicas e políticas no mundo e da ampliação de problemas sociais e conflitos internos nos países subdesenvolvidos.

Mesmo diante do diagnóstico do subdesenvolvimento, inicialmente na década de 1950/60, os problemas sociais e os conflitos étnicos e religiosos se prolongaram por mais de cinco décadas. O que surgiu de novidade no cenário econômico mundial foi novas estratégias de exploração do trabalho e dos recursos naturais por meio dos avanços técnico-científicos e por meio do sistema financeiro internacional.

Portanto, ao analisar o processo de subdesenvolvimento das nações periféricas em escala mundial, faz-se necessário estudá-lo dentro da lógica contraditória do sistema econômico vigente, tendo em vista que a condição para existência e reprodução dos países desenvolvidos é a criação de nações pobres e dependentes das áreas detentoras do capital, recursos tecnológicos e do capital humano qualificado. Para isto, cabe ao geógrafo interpretar o espaço de forma multidimensional levando em consideração a relação espaço-tempo e as singularidades que caracterizam o espaço em suas diferentes dimensões.



ATIVIDADES

1. Fazer uma pesquisa sobre a origem dos principais produtos importados de maneira que observem o valor agregado dos produtos estabelecendo uma análise entre os produtos importados e exportados pelo Brasil.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Não esqueçam!!!! No sistema capitalista, o desenvolvimento é condição necessária da existência do subdesenvolvimento. Portanto, é importante interpretar o espaço buscando desvendar a relação de poder instituída entre diferentes elementos constituintes do espaço, destacando a atuação do Estado com seus órgãos estratégicos de planejamento e produtores de políticas mediadoras dos diferentes interesses públicos e privados ao longo do tempo e materializadas do espaço.



PRÓXIMA AULA

Agora que estudamos a relação entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos e suas características sociais, econômicas e políticas, fica mais fácil compreender a emergência de alguns países de economia intermediária no cenário mundial e de relativa influência político-econômica na escala regional.



AUTOAVALIAÇÃO

Estudar o mundo subdesenvolvido torna-se importante por possibilitar uma reflexão sobre as relações de poder entre as nações e os homens, ao mesmo tempo em que possibilita interpretar a organização do espaço mundial e suas especificidades.

REFERÊNCIAS

- FORBES, D. K. Uma Visão Crítica da Geografia do Subdesenvolvimento. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.
- LACOSTE, Yves. Geografia e Subdesenvolvimento. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.
- GOMES, Carlos A. F. Plane em Regiões Periféricas: as ideias da CEPAL no projeto paranaense de desenvolvimento. (Tese), Niterói-RJ: Unicentro, 2010.
- SANTOS, Milton. O Espaço Dividido: Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2ª Edição. São Paulo: Editora da USP, 2008.
- WETTSTEIN, German. Subdesenvolvimento e Geografia. São Paulo: Contexto, 1992.